

FINALIDADE DOS ÓRGÃOS LABORATORIAIS DOS CURSOS DE JORNALISMO

José Marques de Melo

(Chefe do Departamento de Jornalismo e
Editoração da ECA/USP e Coordenador de
Mestrado em Comunicação Social do IMS.)

Coube ao Prof. José Marques de Melo, como convidado, proferir a conferência inaugural do I Encontro Regional de Órgãos Laboratoriais de Jornalismo, instalado dia 29 de abril de 1983, na sede da Associação Campineira de Imprensa e promovido pelo IAC/PUCAMP. Falando de improviso, relembrou os primeiros jornais-laboratórios e discorreu sobre a passagem do ensino discursivo para o ensino demonstrativo. Frisou que os órgãos laboratoriais são, antes de atividades profissionalizantes, espaços de aprendizagem, de pesquisa e de observação científica, que precisam ter um embasamento pedagógico. No ensino de jornalismo, acentuou ainda, há reformulações que devem ser feitas desde que os professores se assumam como docentes.

Na verdade, eu não vou fazer uma conferência. Eu fui convidado pela Professora Regina Márcia Moura Tavares, diretora do Instituto de Artes e Comunicações da PUCAMP, para trazer algumas idéias, algumas reflexões, até mesmo algumas provocações, sobre o tema central deste encontro que hoje se inicia. A minha participação será a de colocar alguns problemas, alinhar algumas sugestões, que tenho a partir de minha experiência de quase vinte anos no ensino de Jornalismo. Mas antes de iniciar essas minhas observações, eu gostaria de aproveitar a oportunidade para cumprimentar a PUCAMP de Campinas, na pessoa do Reitor e da Diretora do Instituto, pelo excelente trabalho que vem sendo feito aqui em Campinas, na área de Comunicação Social. Há poucos dias, eu dizia à Regina Márcia, e repito aqui, que a continuar com esse entusiasmo, com essa laboriosidade, logo mais a PUCAMP vai ocupar o primeiro lugar na lista das escolas de Comunicação do país. Há dois anos eu venho acompanhando o trabalho aqui efetuado e realmente impressiona, não apenas

pelo volume e pela frequência com que as coisas, aqui estão acontecendo — encontros, seminários, debates — mas pela boa qualidade da produção que a PUCCAMP vem apresentando. Não é nenhum favor, Regina, dizer isso e eu não queria perder a oportunidade de dizê-lo de público.

Hoje, quando nós entramos em qualquer escola de Comunicação do Brasil, já não é surpresa encontrar laboratórios funcionando. Evidente que não em todas as escolas, não em todos os cursos de Jornalismo. Mas boa parte desses cursos já conta com algum tipo de laboratório, onde alunos e professores podem exercitar aquelas tarefas que depois orientarão os futuros profissionais no mercado de trabalho, nas empresas, nos órgãos públicos e nos movimentos sociais. Eu digo que não é surpresa, mas durante muito tempo nós permanecemos no Brasil — os cursos de Jornalismo já têm mais de trinta anos — mantendo cursos de natureza discursiva. E alguns ainda continuam assim. Quem entrasse em qualquer escola de Jornalismo deste País, por exemplo na década de 60, constatava que não tinha laboratórios, nem atividades práticas nem experimentais. É que nós ficamos prisioneiros, durante um bom período, da velha estrutura das faculdades de Filosofia; essa velha estrutura teve, sem dúvida, uma contribuição a dar para a universidade brasileira, num determinado momento. Mas não para os cursos de jornalismo, para os cursos de Comunicação. Infelizmente nós fomos cair lá, enquanto em outras partes do mundo as atividades na área de Comunicação Social (Jornalismo, Publicidade, Relações Públicas, Cinema) já se iniciavam de modo autônomo. No Brasil, quando esses cursos foram criados — eles foram lotados, é o termo burocrático — nas faculdades de Filosofia. E evidentemente o modelo que nos impuseram foi o modelo do ensino de Letras, do ensino da Filosofia, do ensino da História, um ensino discursivo, voltado, sobretudo, para a formação humanística, o que, aliás, foi bom até certo ponto: foi bom na medida em que nós pudemos, nas primeiras levas que saíram desses cursos, ter profissionais que entraram nas redações de jornais, nas estações de rádio, com um embasamento dos conteúdos que eles deveriam tratar. Mas só levavam isso, eles não levavam a experiência prática ou o conhecimento teórico da sua atividade profissional.

Início de mudanças nos Cursos de Jornalismo

A introdução dos órgãos laboratoriais significou o início de mudanças nesses cursos. Com o funcionamento dos laboratórios, eles foram-se adaptando às características próprias desse novo objeto de conhecimento, que é a comunicação social. O ensino discursivo foi, pouco a pouco, cedendo lugar a uma aprendizagem prática. Parece-me que, do ponto de vista histórico, o momento em que os órgãos laboratoriais vão encontrar uma legitimação é com a aprovação pelo Conselho Federal da Educação da famosa Resolução 03/78, porque foi a primeira vez que o CFE, ao legislar

sobre o nosso ensino, não se ateve apenas à famosa receita do bolo acadêmico, ou seja, um elenco de disciplinas obrigatórias, mas avançou, deu um passo adiante, quando estabeleceu que ademais desse ensino, eu diria tradicional, ensino discursivo realizado através das disciplinas que compõem o currículo, as escolas deveriam contar também com órgãos laboratoriais. E foi exatamente por isso que essa resolução nunca chegou a se aplicar integralmente no Brasil... Mas isso é outra história, que um dia precisa ser bem contada.

Não quero entrar aqui na discussão das razões pelas quais ainda estamos, há dez anos, discutindo currículo no Brasil. Mas na verdade a tentativa de não aplicar essa resolução foi armadilha de que algumas escolas lançaram mão para não criar e implantar os órgãos laboratoriais. Essa resolução surgia no momento em que estava no auge a indústria do ensino no Brasil. As faculdades lucrativas deste país, funcionando com giz, saliva, quadro-negro, carteiras, não queriam fazer transformações para oferecer um ensino de boa qualidade, queriam apenas ganhar dinheiro.

Quando eu falo dos órgãos laboratoriais, que muitas escolas começam a ter, eu lembro da minha experiência como estudante de Jornalismo. Eu fui aluno daquele que considero o maior professor de Jornalismo deste país, o Prof. Luiz Beltrão. Estudei numa escola do Recife, uma escola pobre, a Universidade Católica de Pernambuco. Mesmo assim ali ocorreu uma grande inovação pedagógica. O Prof. Luiz Beltrão, ao montar uma escola de Jornalismo no Recife, no início da década de 60, apesar do pauperismo que caracteriza não só a região, mas que caracterizava a universidade de então, procurou instalar um tipo de ensino que se valia do laboratório. Não era laboratório com os equipamentos sofisticados que muitas escolas possuem hoje. Mas ele simulava o laboratório na sala de aula. Nós trabalhávamos com o **Jornal-Cobaia**, ou seja, ele usava o próprio jornal que circulava na cidade, levava esse jornal para a sala de aula e simulava situações profissionalizantes. Foi aí que, não só como estudante, mas depois como professor, aprendi que realmente esse nosso ensino não se poderia efetuar sem alguma atividade que extrapolasse a mera transmissão do conhecimento na sala de aula. O **Jornal-Cobaia** de Beltrão foi certamente o protótipo para algumas experiências que se realizaram depois neste país. É evidente que a velha faculdade de Jornalismo Cásper Líbero, velha porque foi a pioneira, ela já se instalou aqui em São Paulo em condições que permitiram, pelo menos num determinado momento, a publicação contínua de alguns jornais, por exemplo, o veículo que sempre se manteve ali, **A Imprensa**, que publica as matérias dos alunos. Mas na análise que eu fiz desse período da Faculdade Cásper Líbero, ao pesquisar os seus primeiros vinte anos de atividades, não constatei as condições de um laboratório que marca o ensino de Jornalismo, por exemplo, nas universidades americanas.

A passagem do ensino discursivo para o ensino demonstrativo, muitas vezes esbarrou num tipo de atividade nem sempre produtiva nas nossas escolas, ou seja, a prática na sala de redação. Esse foi o primeiro laboratório que muitas escolas instalaram. Máquinas de escrever, cadeiras, lauda-padrão e muita matéria que os professores das disciplinas técnicas mandavam fazer. E foi, sem dúvida, a sala de redação que criou certa distorção no ensino de Jornalismo.

Quando eu falava nas velhas escolas de filosofia, não estava querendo, absolutamente, deixar de resgatar a importância que a estrutura dessas velhas faculdades tiveram do ponto de vista da formação humanística, que em momento nenhum nós podemos deixar de lado. Mas, ao se instalarem salas de redação, eu acho, que os primeiros laboratórios de então, o laboratório de redação, o laboratório do texto jornalístico, acho que algumas escolas caíram num viés que foi perigoso e ainda hoje considero um dos males do ensino de jornalismo no Brasil: aquele de introduzir uma preocupação excessivamente tecnicizante, excessivamente praticizante, como se pudéssemos ter a prática sem a teoria. E muitas vezes nós temos escolas, temos disciplinas, que caem nessa prática estreita, que não é bem uma prática, é uma escamoteação prática, porque o aluno é induzido a fazer matérias, notícia, reportagem, comentário e editorial, sem que se lhe dê um embasamento teórico para que ele possa compreender porque é feito determinado texto. Ele é levado a reproduzir o modelo, muitas vezes empastado, que nada tem a ver com nosso idioma, com a nossa cultura. Ele o reproduz mecanicamente e não pensa sobre a sua estrutura, seus condicionamento, suas implicações políticas.

Comportamento crítico na atividade profissional

Muitos profissionais supervalorizam essa oportunidade de desenvolver o texto jornalístico na sala de redação. Há pessoas que encontram boas chances no mercado de trabalho, porque elas foram exatamente programadas para fazer aquilo que o jornal muitas vezes quer. Mas nem sempre elas têm a capacidade de se comportar criticamente na atividade profissional e o bom êxito soa como algo duvidoso. Isso porque como profissionais que reproduzem mecanicamente, elas não são capazes de criar. Evidentemente há alguns casos isolados de pessoas que têm suas próprias potencialidades e criam, inovam, independentemente da Universidade. Contudo, isso é a exceção, não a regra.

Então, a considerar esse aspecto dos órgãos laboratoriais, eu queria dizer que a polêmica tecnicismo x humanismo, que em alguns momentos se acirrou, e que continua latente, ela precisa ser bem redimensionada.

Os órgãos laboratoriais têm um papel importante no processo de aprendizagem. Eu acho que eles são o espaço através do qual o ensino de jornalismo adquire a sua própria vivacidade. Mas nós não podemos manter órgãos laboratoriais independentes das atividades de transmissão de conhecimento, nas disciplinas humanísticas ou nas próprias disciplinas de natureza profissional. Eu só entendo a existência de órgãos laboratoriais, em qualquer curso de jornalismo, na medida em que eles estejam a serviço da teoria, e eles estejam para permitir a aplicação prática de conhecimentos sedimentados e muitas vezes para negar a própria teoria, para produzir um conhecimento novo. Sem essa orientação, parece-me que esses laboratórios podem-se tornar verdadeiros equívocos.

Se o praticismo é um perigo ainda existente nos cursos, principalmente quando os laboratórios ainda se limitam à sala de redação ou a uma pequena impressora que permite a reprodução de boletins ou a publicação de jornais, eu acho que os cursos de jornalismo enfrentaram outro perigo, quando os equipamentos eletrônicos começaram a ser incorporados — televisão, rádio, estúdio fotográfico e cinematográfico. Do perigo do praticismo passamos para o perigo do lúdico. Porque se começou a brincar de jornalismo em muitas escolas.

Eu não quero dizer que a atividade lúdica não seja importante na atividade pedagógica. Eu acho que todo o processo de aprendizagem que possa coadunar a disciplina com o prazer atinge um bom equilíbrio. Mas é indispensável obter esse equilíbrio para que nós não passemos para um tipo de comportamento que é o de brincar com os equipamentos durante o processo didático, sem ver todas as conseqüências disso. Sobre tudo com a televisão, as experiências que eu tenho visto em alguns cursos são verdadeiras brincadeiras inconseqüentes. Isso pode ser considerado bom, porque motiva. Talvez até como passo inicial seja importante descobrir o equipamento, desmistificá-lo. Mas o passo seguinte precisa ser dado: usar o equipamento com segurança, tranqüilidade, e usá-lo a partir de projeto politicamente definido, pedagogicamente planejado.

Outra questão que eu quero discutir procede do alunado, mas que em alguns casos é incentivada também pelos professores. Refiro-me ao cultivo da vaidade do aluno. Todo aluno que vem para o curso de jornalismo, talvez a grande maioria, tem a pretensão de se tornar estrela. Muitos querem fazer jornalismo, pretendendo também tornarem-se figuras públicas, a exemplo dos grandes jornalistas que existem por aí. Esse desejo é até compreensível numa sociedade competitiva como a nossa. No âmbito da escola, o desejo que quase todo aluno de jornalismo tem é de ver sua matéria publicada em letra de forma, ver seu nome estampado, apareça onde aparecer.

No entanto, me parece que, muitas vezes, por essa questão do aluno querer publicar qualquer coisa com o nome dele, nós estamos incentivando produção de baixa qualidade, ou seja, os professores das disciplinas

técnicas não têm exercido o necessário rigor metodológico nos trabalhos de laboratório. Esse é um problema sério, que proponho como questão para ser discutida durante o encontro. Até que ponto vamos permanecer num populismo pedagógico, muitas vezes atendendo a esse desejo e a essa vaidade do aluno de publicar qualquer coisa, sem exercer o trabalho de seleção prévia, de correção, de acompanhamento, de orientação.

A questão seguinte que quero apresentar, diz respeito aos professores das disciplinas técnicas, aqueles que trabalham, portanto, nos laboratórios, ou muitas vezes trazem conhecimentos que vão estimular esses órgãos laboratoriais. Muitos dos professores vêm ou vieram das escolas, mas passaram pelo mercado. Espera-se que os professores de qualquer disciplina técnica tenham alguma vivência no campo.

Possuindo uma vivência no campo é que muitos professores são tentados a procurar reproduzir na Universidade o modelo da empresa em que trabalham. E os órgãos laboratoriais se estruturam com essa característica, como cópia daquilo que ocorre no mercado mais próximo, como papel-carbono das empresas mais conhecidas. Esse é um problema sério. De um lado, pode ter a justificativa de que se está preparando pessoal para o mercado de trabalho, na medida em que reproduz o sistema empresarial ou sistema governamental em que ele vai atuar, porque o aluno terá mais chance de obter colocação. Por outro lado, nós estamos formando profissionais acríticos, que não têm a necessária capacidade de pensar sobre o próprio modelo instituído, de pensar sobre as tendências desse modelo e de contribuir, quando ele estiver no mercado de trabalho, para sua transformação, para sua dinamização.

Depois dessas duas colocações, uma que diz respeito ao problema específico dos alunos, e outra que diz respeito à tendência que é comum a muitos dos professores que atuam nos órgãos laboratoriais, quero abordar talvez o maior defeito desses laboratórios.

Esse defeito é o de se manterem com tipo de estrutura que não se aproxima da própria realidade. Quando falo de realidade não falo da realidade cultural ou política, estou-me referindo à realidade do próprio processo de comunicação, porque nem sempre os órgãos laboratoriais dos cursos de jornalismo procuram reproduzir um processo típico de comunicação social. Por quê? Porque são órgãos que fazemos para nós mesmos. Que fazemos para a própria Universidade, que se circunscrevem aos nossos próprios limites, e portanto, não permitem a avaliação do processo como um todo.

O processo não é avaliado como um todo

Quase sempre a nossa avaliação, enquanto docentes, concentra-se na forma, conteúdo. Procuramos avaliar a mensagem com as caracte-

rísticas com que ela se explicita. Mas nós não avaliamos o processo como um todo. Porque para se ter um verdadeiro laboratório, é indispensável tenhamos um processo integral, e que possamos ver como se completa, como é aquela mensagem recebida, como é assimilada, como é contestada, como é digerida. Conhecer o retorno da mensagem, considerá-lo no processo de produção, poucos órgãos laboratoriais o exercitam. Nós temos experiências vivas de jornais de algumas escolas que circulam nas comunidades. Mas eu não estou certo de que há realmente preocupação em conhecer na sua totalidade o processo, em verificar como o receptor se comporta diante daquilo que nós produzimos. Não só se comporta do ponto de vista cultural e psicológico, mas como é que ele recodifica a mensagem, que contribuição os eventuais obstáculos dentro do processo podem sugerir para a nossa criação.

Exatamente por não contemplarmos o processo de comunicação na sua globalidade, é que maioria dos órgãos laboratoriais dos cursos de jornalismo, é preciso dizer, é preciso assumir, eles são órgãos pedagogicamente vazios. Por isso que eu me entusiasmo com esses encontros que começam a ocorrer, de coordenadores, de participantes dos órgãos laboratoriais, pois eles constituem o caminho para superarmos esse vazio pedagógico. Para enfrentá-los conjuntamente.

De modo geral, nós improvisamos muito. Nós mantemos jornais, boletins, programas de rádio, programas de televisão que atendem a uma necessidade do processo de aprendizagem. Motivam os alunos, retiram a atividade didática daquele plano da mera transmissão do conhecimento, dinamizam um pouco o ato educativo. Mas nem sempre nós temos o planejamento pedagógico capaz de dar conta de todo o processo. Esse é o enfrentamento maior de quem trabalha com os órgãos laboratoriais. É preciso que realmente a gente assuma a posição de que esses órgãos são, antes de atividades profissionalizantes, espaços de aprendizagem, espaços de pesquisa de observação científica, e precisam ter um embasamento pedagógico. É indispensável que a gente compreenda isso e busque retirar esses órgãos daquele vazio pedagógico encontrando a fundamentação de que eles estão precisando para não permanecerem como atividades segmentadas, atividades que não têm continuidade, atividades que, quase sempre, nem sequer têm memória.

Órgãos laboratoriais se convertem em ‘cavalos de Tróia’

Há outra questão que eu também queria apontar, muitas vezes considerada tabu, mas eu acho que devemos repensar. É a questão política que permeia as atividades dos órgãos laboratoriais. Os órgãos laboratoriais muitas vezes são “cavalos de Tróia”. Nem sempre, exatamente, por esse vazio pedagógico. Esses órgãos laboratoriais, em alguns casos, se convertem

em cavalos de Tróia, veiculando interesses da comunidade estudantil, interesse da própria comunidade docente e quase sempre de interesse das administrações universitárias. Muitas vezes se confunde órgãos laboratoriais com órgãos que devem ser politicamente organizados a partir de uma visão ideológica determinada. O problema maior que nós sempre temos, sobretudo nos períodos autoritários, é que as administrações universitárias procuram fazer com que os órgãos, ao invés de serem verdadeiros, funcionem como agentes de relações públicas dos interesses dos reitores, dos secretários, dos ministros de estado, em suma, do poder instituído nas universidades. Esse é um perigo que temos de enfrentar e não podemos admitir. Eles são órgãos laboratoriais e têm que preservar seu espaço comunicativo, sua liberdade própria. Mas, da mesma forma que não queremos que o reitor, que o diretor da Faculdade, que o Coordenador do curso, que o poder universitário use esses órgãos para difundirem as políticas próprias da organização, nós não queremos que eles sejam órgãos tomados de assalto pelas tendências estudantis. Nem também pelos interesses das associações dos docentes ou de eventuais correntes ideológicas que possam existir entre os professores e funcionários.

É preciso que esses órgãos sejam entendidos como espaços pedagógicos, espaços que devem estar vinculados a uma comunidade à qual eles se dirigem. E sendo espaço de criação livre, eles tenham a sua própria política. Não estou pregando aqui que nós vamos ter veículos apolíticos. Tudo é político. Mas a linha política do órgão laboratorial é uma linha que tem de ser estabelecida a partir da comunidade à qual ele se dirige, a partir do eventual consenso que possa existir entre aqueles que produzem e aqueles que recebem. E aí, então, devemos ver como esses veículos podem ouvir as comunidades às quais se dirigem, para fixar suas diretrizes editoriais, ou seja, levar também à participação dos leitores, dos receptores, porque só isso garantirá a independência das administrações universitárias, das tendências estudantis ou dos interesses das corporações dos docentes. É preciso fazer jornalismo participativo, combativo e politicamente conseqüente.

Tarefas imediatas para os Cursos de Jornalismo

Para encerrar, quero enumerar algumas das tarefas que me parecem imediatas para nós que trabalhamos nos órgãos laboratoriais dos cursos de jornalismo:

— Prosseguir na tarefa de conscientização das instituições educacionais sobre a importância, a necessidade dos laboratórios, pois acho que nem todas as universidades estão, ainda, convencidas de que os laboratórios são indispensáveis aos cursos de jornalismo ou aos demais cursos de comunicação. Há muitas universidades que permanecem defendendo a tese de que esses laboratórios são dispensáveis, que se pode fazer convênio com

empresas, em suma, que podemos continuar em salas de aula, usando giz, saliva, quadro-negro, e às vezes nem se fala de bibliografia. Muitas vezes trata-se de uma postura que na realidade esconde os interesses de outras áreas. Quando o poder universitário está nas mãos das áreas tradicionais, isto é uma maneira de fazer com que as verbas fluam para aqueles setores já estabelecidos e já bem aquinhoados financeiramente.

— Conscientização dos docentes sobre a natureza desses órgãos laboratoriais. É fazer com que os professores que trabalham com disciplinas profissionais se assumam também como docentes. É difícil, pois de modo geral a tendência do professor da disciplina técnica é querer reivindicar um espaço próprio, ou seja, aquele de reprodução daquilo que está lá na sua estrutura ocupacional. Mas aqui na Universidade, acho que os docentes não são profissionais, mas professores. Todos têm que se assumir como docentes. E aí é que urge, do ponto de vista dessa conscientização dos docentes, evitarmos os extremos. Eu acho que os cursos de jornalismo, contemplados a partir dos órgãos laboratoriais, nem podem ser SENAI, ou seja, órgãos dirigidos por um praticismo imediato, nem também podemos continuar no velho estilo da Sorbonne. É preciso encontrar o equilíbrio e a realização concreta, através de projetos que não apenas reproduzam a prática, mas recriem a prática. É importante, também, que os professores das disciplinas profissionalizantes retomem o conhecimento acumulado. Que eles não se limitem a transmitir nas salas de aula suas próprias experiências profissionais. É importante que eles considerem que há todo um conhecimento sistematizado, há toda uma bibliografia disponível e não me venham dizer que a Bibliografia de Comunicação no Brasil é escassa. Nós publicamos pela INTERCOM, anualmente, um volume com mais de 500 títulos sobre o que se produz no país, na área da Comunicação Social. Essa bibliografia é uma das mais ricas da América Latina. Há um conhecimento acumulado e esse conhecimento precisa ser digerido, discutido, criticado, aperfeiçoado, transformado.

— Outra tarefa, que me parece indispensável, e talvez seja tarefa para o próprio Ministério da Educação, é tentarmos fazer um diagnóstico desses laboratórios. Chegou o momento de verificarmos como está cada órgão funcionando. Para podermos fazer comparações, utilizando processos de observação científica desses veículos. E a partir daí, darmos o grande passo. Partir da própria experiência e tentar reformulá-la. Há muita coisa que precisa ser reestruturada. Essa reformulação não pode ser feita, evidentemente, sem que o professor se assuma como docente. Mas, para isso, é importante que as universidades ofereçam aos professores das áreas profissionalizantes um embasamento pedagógico. E quando me refiro a esse embasamento não estou pretendendo, absolutamente, que a gente vá dar aqueles cursos de Metodologia do Ensino Superior, de tendências burocratizantes, psicologizantes, que algumas universidades insistem em oferecer. Refiro-me a uma tentativa de se procurar, quem sabe a partir de

seminários internos, simpósios, de grupos de trabalho, tipo de embasamento com relação à pedagogia do próprio jornalismo, que é uma disciplina *já* desenvolvida, não só fora do Brasil, mas aqui também. Nós precisamos aprofundar essa questão do embasamento pedagógico do professor da disciplina profissionalizante.

— Além disso, é preciso que esses órgãos laboratoriais sejam entendidos não como projetos que se interrompem no fim do semestre, no fim do bimestre, fim de ano, projetos que se ligam a turmas, a classes, a períodos. Esses órgãos laboratoriais dos cursos de jornalismo só adquirirão realmente o sentido de laboratórios quando eles forem vivos. Quando eles conseguirem existir a despeito da passagem dos alunos, a despeito das mudanças dos professores. Quando eles se tornarem projetos permanentes. Sei que não é fácil, nós vivemos num momento de crise nas universidades, no País, não há recursos, mas é preciso colocar nossa imaginação para funcionar. É muitas vezes com o próprio pauperismo existente que se encontra soluções capazes de fazer existir o novo. Acredito que só a boa vontade não resolve, mas é fundamental. É preciso que haja entusiasmo, boa vontade e imaginação para nós superarmos tudo isso.

Quero concluir, dizendo que me senti muito alegre em poder colaborar. Espero que realmente esses encontros possam prosseguir, que todo ano nos possamos reunir para dialogar sobre essas questões, porque só com o diálogo, com o debate democrático, com a confrontação de experiências, com o enfrentamento de posições pedagógicas e ideológicas, é que vamos encontrar saídas para nossos problemas. Já estamos cansados das soluções vindas de Brasília, de Washington, de São Paulo, de onde quer que seja. Precisamos encontrar nossas próprias alternativas. E só assim rompemos com o autoritarismo que continua imperando neste País.